

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Fernando Guedes Couto

O SÓCRATES DE ARISTÓFANES NA VISÃO DE KIERKEGAARD

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Fernando Guedes Couto**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973080A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O Sócrates de Aristóteles na visão de Kierkegaard**, desenvolvido durante o período de Agosto de 2019 a Dezembro de 2019 sob a orientação do Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Fernando Guedes Couto

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O SÓCRATES DE ARISTÓFANES NA VISÃO DE KIERKEGAARD

Fernando Guedes Couto¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a análise que o pensador dinamarquês Soren Kierkegaard realizou dos escritos do dramaturgo grego Aristófanes a respeito do filósofo Sócrates. O autor dinamarquês defende tais ideias em sua tese, apresentada na Universidade de Copenhague com a intenção de obter o grau de mestre, denominada “O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates”. Nessa tese, Kierkegaard defende a ideia de que, na verdade, o foco da crítica de Aristófanes não era Sócrates, e que o comediógrafo estava utilizando da ironia socrática para atacar os sofistas, inimigos intelectuais de Sócrates. Mostraremos como Kierkegaard analisa a trajetória de Sócrates, e como o primeiro defende que o segundo foi um provocador nato; além disso, expõe o pensamento de que a consequência da aplicação do Método Socrático é a negatividade e que essa é inevitável, faz parte de uma reflexão intelectual que se propõe profunda, questionadora e impactante. Nosso foco será explorar a visão e a interpretação que Kierkegaard construiu de Sócrates e que o inspirou ao longo de toda a sua carreira acadêmica, a partir de seu estudo da peça de teatro do comediógrafo grego Aristófanes, cujo nome é “As nuvens”. O resultado esperado com o nosso trabalho é o de proporcionar uma discussão relevante da influência do grego Sócrates na obra do pensador Kierkegaard, ressaltando como o segundo autor utilizou da obra de Sócrates e como o mesmo ampliou o Método Socrático, elaborando o “Conceito de Ironia” kierkegaardiano.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia socrática. Método Socrático. Intelectualismo Socrático. Ironia Kierkegardiana.

1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho de conclusão de curso é a visão que o pensador dinamarquês Kierkegaard obteve da figura e da obra do filósofo grego Sócrates a partir das leituras que fez de grandes autores gregos, tais como Platão, Xenofonte e Aristófanes, mas o nosso foco será tratar mais especificamente do que o autor Aristófanes trouxe para Kierkegaard e como esse segundo pôde construir sua visão de Sócrates, inclusive, em muitos momentos, se colocando como um “Sócrates de Copenhague”, ou seja, aquele provocador necessário na conjuntura acadêmica, intelectual e cultural da Copenhague da primeira metade do século XIX.

Nossa pesquisa envolve o estudo de algumas obras, das quais uma das principais é a intitulada “O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates”, que foi a tese realizada pelo autor Kierkegaard para obtenção do título de mestre na Universidade de Copenhague. Essa obra foi fundamental para o autor expor o seu pensamento de ironia socrática e, além disso, definir como se comportaria intelectualmente durante toda sua vida. O livro é dividido em duas partes: a primeira parte é chamada “O ponto de vista de Sócrates concebido como ironia”, na qual Kierkegaard compara as três fontes de conhecimento sobre Sócrates às quais teve acesso, os escritos de Platão, Xenofonte e Aristófanes e como estes pensavam de formas distintas o filósofo grego. Com essas três imagens de Sócrates é que o autor dinamarquês consegue chegar a um quadro definitivo e com isso construir a sua visão de Sócrates. Kierkegaard mostra ao longo do livro que Sócrates não possuía uma doutrina filosófica, nem um sistema; seu método era simples e consistia em refutar e argumentar, mas sem apresentar uma alternativa ao que estava desconstruindo, ou seja, não tinha uma forma construtiva de ação; por isso, nesse sentido, Sócrates traz consigo uma força negativa e destrutiva. Essa atitude socrática não tem necessariamente a ver com a sua personalidade, a sua negatividade não era algo pessoal, era a pura consequência inevitável de seu método. Kierkegaard discute também o pensamento de Hegel (o influente filósofo alemão que estava no auge da fama e da respeitabilidade em sua época), mostraremos ao longo do trabalho como Kierkegaard refuta algumas ideias de Hegel sobre Sócrates.

A segunda parte da obra recebe o nome de “O conceito de Ironia” e nela o pensador realiza uma análise referente aos tipos de ironia utilizados pelos autores românticos de sua época. Mostra também como percebe e encara a ironia socrática, como algo fundamental e transformador, pois para Kierkegaard, Sócrates foi

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: fernando.guedes.bach@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza.

quem conseguiu trabalhar a ironia da melhor forma, diferentemente dos autores românticos de seu tempo, os quais ele critica devido ao fato de usarem do artifício da ironia com uma base de pensamento relativista e niilista.

No tocante à estrutura do trabalho, o primeiro pensador que vamos tratar e examinar é Sócrates. Nascido em Atenas entre 470 e 469 a.C. Oriundo de uma família humilde, seu pai era um escultor e sua mãe realizava partos. Desde jovem despertou interesse para as artes e para o pensamento crítico; na vida adulta passou a caminhar pelas ruas de Atenas, nos tempos da democracia, provocando e questionando a todos, sempre tentando retirar uma verdade oculta e esquecida de dentro de seus interlocutores, o que despertava a simpatia de alguns e o ódio de muitos. Sócrates possuía uma atuação distinta de outros filósofos e pensadores gregos, isso porque ele não criou uma escola; o seu modo de operar e de mostrar seu método era nas ruas, nas praças, nos locais públicos de Atenas. Sócrates despertava muito interesse, não apenas das pessoas mais jovens, mas de todos que ficavam intrigados com sua habilidade e com as novidades que trazia.

É fundamental dizer que, já não por acaso, Sócrates é considerado, desde os tempos do Renascimento de meados do século XIV, como um dos mais importantes pensadores e um dos fundadores da filosofia ocidental, tendo seu trabalho influenciado várias gerações de estudiosos e filósofos ao longo dos séculos. O pensador grego trabalhou os campos da ética, da epistemologia, da lógica e da retórica, introduziu questões marcantes, discutiu o conhecimento como um conceito abstrato, e foi o primeiro a efetivamente romper com o pensamento filosófico pré-socrático, que até então imperava, que enfatizava o universo do concreto e que buscava respostas aos mais variados questionamentos humanos nos elementos da natureza: eram os chamados “filósofos da natureza”, da análise do mundo material. Já para Sócrates o que realmente importava é o que o ser humano tem dentro de si algo misterioso e transcendental, que funde o sagrado e o profano, como se o homem tivesse dentro de si o divino. A alma para Sócrates era imortal, perfeita e boa, e por esse motivo devia receber especial atenção do indivíduo, e ele acreditava que a sua função divina na Terra era fazer o ser humano voltar-se para dentro de si. Podemos perceber isso na famosa frase: “Conhece-te a ti mesmo” que expressa exatamente a introspecção, o homem voltado para seu interior, o homem e seus conflitos individuais, subjetivos, colocados como a tônica que deve guiar as reflexões filosóficas. Foi o pensador que realmente colocou em voga a questão da interioridade humana, esse caráter subjetivo do ser humano mostrado como algo importante que define as pessoas.

Discutiremos como Kierkegaard interpreta Sócrates, vendo nele uma figura genial e que o inspirou a seguir no mundo da filosofia e do pensamento abstrato. Abordaremos também e procuraremos explicitar as características do Método Socrático, também conhecido como maiêutica, ou seja, a “arte do parto”. Será importante entendermos no que consiste a ironia socrática tomada por Kierkegaard como fundamental. Logo em seguida analisaremos a obra “As nuvens”, peça de teatro do tipo cômica, escrita pelo comediógrafo grego Aristófanes, que traz um interessante retrato do que seria a atuação e o pensamento dos chamados “sofistas”. Mostraremos como Aristófanes descreve caricaturalmente a figura de Sócrates e até dá a entender que Sócrates seria um dos sofistas, além disso, argumentaremos que, por mais que muitos estudiosos do tema defendam que o comediógrafo desdenhava e efetivamente pretendia atacar a pessoa de Sócrates, Kierkegaard mostra, com excelentes argumentos, que não! Na verdade, o que Aristófanes pretendia é justamente o contrário do que aparentemente ocorre na peça: ele faz a boa aplicação do Método Socrático e, portanto, teria entendido bem o que Sócrates pretendia com tal método, exigindo a abstração e o senso crítico dos leitores e observadores para o que realmente ele queria criticar: os sofistas, os “inimigos” intelectuais de Sócrates.

Abordaremos também como Kierkegaard procurou entender a obra de Hegel, estudando os escritos do alemão sobre Sócrates e apresentando suas conclusões na obra “O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates”, onde ele argumenta que as fontes de Hegel não permitiram uma análise profunda e bem fundada, o que resultou em erros de interpretação. O dinamarquês critica também o raciocínio de Hegel em tecer a crítica a Sócrates por não ter sido capaz de perceber que a negatividade da ironia seria a base para a positividade oriunda de uma posterior criação de um sistema filosófico; ou seja, para Hegel, Sócrates teria falhado ao ter ignorado essa oportunidade e ter visto a negatividade como um fim em si. Apresentaremos os argumentos de Kierkegaard que corroboram que Sócrates estava correto e que essa positividade posterior é inalcançável em relação à ironia.

O tipo de estudo e a metodologia empregada para a realização do trabalho foi o método conhecido como “revisão de literatura”, onde procuramos confrontar pensamentos e posturas, além é claro, de apresentar a visão de Kierkegaard, levando em conta o entendimento atual e contextualizado dos temas, com referencial teórico de grandes autores e obras que exploram o pensamento do autor dinamarquês. Utilizamos além das obras referentes a Kierkegaard, a clássica peça de teatro grego “As nuvens” de Aristófanes, obra que nos permitiu captar as razões de Kierkegaard e o que ele percebeu sobre Sócrates. Utilizamos também o referencial

teórico do relevante historiador da filosofia italiano, de nome Giovanni Reale, para trabalhar o conceito de “Intellectualismo Socrático”, algo basilar para o entendimento do pensamento e Método Socrático.

A justificativa para nosso estudo e pesquisa é a importância que Sócrates possui na obra de Kierkegaard e também na filosofia ocidental como um todo, e como o primeiro pensador desenvolveu um método marcante, o Método Socrático. Pretendemos mostrar o real objetivo de aplicação do método na visão kierkegaardiana, como Sócrates o desenvolveu e como Kierkegaard o aperfeiçoou, ou, em outras palavras, o releu.

Na conclusão pretendemos expor uma opinião crítica sobre o tema central do trabalho que é a ironia socrática; além disso, faremos um paralelo entre o contexto histórico em que cada um dos dois principais autores (Kierkegaard e Sócrates) viveu e como esse contexto histórico foi determinante para definir os diferentes destinos que cada um dos atores experimentou: enquanto um foi condenado à morte devido ao enorme impacto e incômodo gerado por sua obra e atuação, o outro teve uma vida intelectual bem sucedida, mas se tornou um homem introspectivo, de humor ácido, com capacidade crítica incomparável, e teve um final de vida solitário em meio a conflitos com seus contemporâneos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1) O Método Socrático

O Método Socrático é também conhecido por “maieutica”, que significa a arte do parto. A mãe de Sócrates era parteira por ofício e essa analogia era perfeita na mente do grego, visto que, para ele, sua função seria a de proporcionar aos indivíduos aos quais aplicava seu método um “parto intelectual”; ou seja, ele era o parteiro, só que de ideias.

Na visão de Sócrates, aplicando sucessivas perguntas sobre determinado assunto ao seu interlocutor, o mesmo seria levado a descobrir a verdade sobre algo, verdade esta que, segundo Sócrates, já estaria contida no interior do indivíduo, mas que precisaria ser resgatada, pois estava oculta, esquecida, adormecida. Um exemplo interessante onde podemos constatar o que seria a maieutica é o citado no livro “Søren Kierkegaard - Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade” do autor Jon Stewart:

Um famoso exemplo disso é a ocasião em que Sócrates questiona, no diálogo *Ménon*, um menino escravo pouco instruído. Simplesmente questionando, sem estabelecer algo positivo, ele é capaz de levar o menino à compreensão de alguns dos princípios básicos de geometria. Todos os presentes ficaram admirados pelo fato de o menino aparentemente saber geometria sem jamais ter recebido quaisquer lições sobre ela. Isso é condizente com a repetida afirmação de Sócrates de que ele não ensinava nada. Ele apenas afirmava que era a parteira que auxiliava o nascimento das ideias, mas que não as produz. Sócrates simplesmente ajuda os outros a produzi-las e, em seguida, as avalia-las. As ideias jazem ocultas nos próprios indivíduos, sem que eles se dêem conta de sua presença. (Isso leva Sócrates à doutrina das ideias inatas, ou seja, a noção de que nascemos com certas ideias desde o começo, e de que conhecemos as coisas antes de realmente termos qualquer experiência do mundo. A tarefa do questionador é, portanto, simplesmente nos ajudar a lembrar do que já sabíamos antes, mas tínhamos esquecido.) (STEWART, 2017, p.37-38).

Na visão socrática o conhecimento é algo latente dentro da mente humana, esse conhecimento deve ser estimulado por perguntas perspicazes. A partir desse momento, com o emprego de tal método seria possível “parir” o conhecimento, palavra que pode parecer forte, mas que é corretamente empregada na analogia, pelo fato de que o conhecimento, em muitos casos, vinha à tona de forma dolorosa, a partir de muita reflexão instituída pelos questionamentos socráticos. Inclusive, não raramente, o interlocutor desistia, ou então se ofendia diante da falta de respostas ou da dificuldade em se chegar a alguma conclusão definitiva.

Essa questão da conclusão definitiva não era algo fundamental para Sócrates, ele não pretendia sempre chegar às respostas e à construção de conceitos bem estruturados e definitivos. Ele queria provocar, fazer refletir, tirar os seus interlocutores da zona de conforto. Era muito comum os diálogos socráticos terminarem na chamada “aporia” que nada mais significa que um impasse, ou mesmo, “ficar sem palavras”; era o emprego do Método Socrático à exaustão, causando uma dificuldade de conclusão, ou seja, não se chegava após o longo diálogo a nada de conclusivo, a questão continuava em aberto. Um exemplo onde a aporia esteve

presente foi no diálogo *Eutífron*, retratado no livro “Søren Kierkegaard - Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade” do autor Jon Stewart:

Sócrates traz Eutífron e seus outros interlocutores para um estado de *aporia* ao longo do diálogo. Sócrates pede uma definição de piedade, e Eutífron dá. Porém, diante das indagações de Sócrates, ambos concordam que ela não é satisfatória, e então Sócrates pede uma definição melhor. O mesmo ocorre com a segunda definição, com a terceira, e assim por diante, até que no final nenhuma definição ou resultado real é obtido. Perdendo a paciência com Sócrates, e vendo que começava a parecer cada vez mais tolo, Eutífron de repente alega que tem um compromisso urgente e vai embora apressadamente. Assim, o próprio diálogo termina em *aporia*, pois nenhuma definição de piedade é estabelecida. Por essa razão se diz que ele é um dos diálogos “aporéticos” de Platão, ou seja, um dos diálogos que terminam sem conclusão definitiva para a questão examinada. (STEWART, 2017, p.30).

A maiêutica, já abordada no texto, seria a parte final do Método Socrático, quando o conhecimento “nasce” a partir das conclusões tiradas pelo próprio interlocutor. Já a primeira fase do Método Socrático é a chamada ironia, mas não exatamente no sentido que conhecemos nos dias de hoje, nesse caso, do uso no método de Sócrates, tem a sua origem na palavra grega *eirein*, cujo significado em português é perguntar. Portanto, a ironia dentro do método consiste na fase em que Sócrates realiza as indagações para o seu interlocutor. Essas indagações seguem uma lógica, são perguntas que progressivamente vão chegando a um cerne do conhecimento a respeito de um determinado tema. Além disso, ocorre um gestual e uma representação por parte de Sócrates, que pode fingir emoções, fingir desconhecimento a respeito de um tema, fingir ingenuidade, e com isso, leva o interlocutor para um caminho ou outro, podendo também, em outros momentos, constranger o interlocutor, em outros fingir concordar com ele e até levar o mesmo a crer que realmente tem o conhecimento correto e apurado para posteriormente o levar a perceber que não tem tal conhecimento.

2.2) As nuvens de Aristófanes

“As nuvens” é uma peça de teatro escrita pelo teatrólogo grego Aristófanes no ano de 423 a.C. A peça é uma comédia, onde Aristófanes se torna notável pela sua habilidade em satirizar personagens marcantes, dentre os quais o principal é Sócrates. É interessante levarmos em conta que, diferentemente das epopéias, as comédias são originais, não prestam conta a um passado histórico nem mitológico e não têm compromisso com uma narrativa pregressa. Isso implica numa grande liberdade por parte do autor da comédia, que pode utilizá-la com diferentes intenções, causando diferentes impactos.

A crítica já começa pelo próprio nome da peça: “As nuvens”, ou seja, o nome faz alusão ao ateísmo e ao culto de novas divindades como o éter, o ar, e o instituto da persuasão, todos em alta nos tempos que Aristófanes escrevia, e todos eram postos em realce em detrimento dos antigos costumes, deuses e crenças gregas, consideradas pelo comediógrafo como os verdadeiros deuses e as verdadeiras tradições. Na obra é contada a história de Estrepsíades, que era um abastado proprietário rural, mas que no momento retratado no texto é um homem arruinado financeiramente, cheio de dívidas. Nessa situação de pressão e desespero, diante desses problemas financeiros, Estrepsíades decide entrar na escola de Sócrates com o intuito de aprender a retórica (arte do discurso). Dominando tal arte, poderia tentar dissimular os seus credores e ter tempo de reorganizar sua vida financeira ou mesmo ter as dívidas esquecidas ou perdoadas. Após entrar na escola de Sócrates e frequentar algumas aulas, Estrepsíades percebe que não tem capacidade intelectual e discernimento para tal tarefa, sofre de grande dificuldade de compreender e absorver os ensinamentos passados nas lições socráticas, então, diante desse fracasso, Estrepsíades decide convencer seu filho, de nome Fidípides, o qual estava levando uma vida boêmia e inclusive sendo o principal causador da falência do pai, a entrar na escola de Sócrates, aprender a arte da retórica (as artimanhas da persuasão) e com isso lhe ajudar diante de sua situação de falência.

Estrepsíades consegue convencer o filho Fidípides, que entra na escola de Sócrates e logo descobre uma grande capacidade intelectual, tornando-se um habilidoso mestre na arte da retórica. Após o estudo e a prática de tal arte, passa a ser capaz de justificar qualquer ação, inclusive consegue desconstruir e agredir o próprio pai. Aparentemente, numa primeira leitura, somos levados a entender que Sócrates é a encarnação da figura do sofista, um sofista de destaque, que leva seus alunos a usar os conhecimentos num sentido desonesto e pouco proveitoso. Mas como o próprio Kierkegaard defende, realizando uma análise atenta da peça, é possível perceber que na verdade, Fidípides é a representação do sofista, se

torna um sofista depois de começar a frequentar as aulas de Sócrates. Usa o conhecimento passado pelo pensador grego de maneira incorreta, não como Sócrates deseja que seus alunos usem. Ele passa a usar seu conhecimento para o mal, para tirar vantagem de tudo.

Aristófanes faz de Sócrates uma caricatura de homem desequilibrado, pintando sua figura como a de alguém ridículo, que tem atitudes, práticas e hábitos insanos e que refletem um indivíduo que está vivendo num mundo a parte, fora da realidade, que anda pelo ar, que criou o seu mundo fantasioso e ilusório, que imprime aos seus alunos questionamentos sobre coisas fúteis e inúteis, que tem o hábito de contar pulgas e costuma refletir se os mosquitos cantam pela boca ou pelo “rabisteco”. Aparentemente, Sócrates é um enganador, um trapaceiro que convence seus alunos a estudar assuntos que apenas lhes farão perder seu tempo. Toda essa situação sobre Sócrates será abordada por Kierkegaard e relida.

Agora devemos comentar sobre os Sofistas, mestres em variadas áreas do conhecimento que cobravam por suas aulas e tinham o foco intelectual no discurso. Suas aulas não tinham o compromisso com a verdade e nem com a moralidade. Diziam que todo argumento pode ser rebatido por um contra-argumento e que a efetividade dessa refutação reside na verossimilhança, ou seja, esse contra-argumento não precisa necessariamente ser verdadeiro, basta ele parecer verdadeiro. Na prática, o que os sofistas faziam era relativizar a verdade, colocando como um fator determinante o ponto de vista e o interesse de quem está envolvido nessa argumentação, realizando dessa forma uma efetiva manipulação da verdade.

Nessa época de Aristófanes existia a discussão de qual seria a melhor corrente de educação: a tradicional ou a sofista. O teatrólogo se posiciona contra os sofistas, criticando-os. Ele os critica de forma satírica, apontando o perigo de uma educação que não acredita ou ao menos não valoriza uma verdade fundamental. A comédia funciona como expressão do menosprezo de Aristófanes pelos sofistas. Na visão do comediógrafo, os sofistas representavam uma decadência moral. Vejamos agora uma passagem do livro “Soren Kierkegaard - Subjetividade, Ironia e a Crise Da Modernidade”, do autor Jon Stewart, que ilustra tal fato:

Como Sócrates era frequentemente visto nas ruas e parecia instruir os jovens, muitas pessoas em Atenas o associavam aos sofistas. Assim, uma das acusações levantadas contra ele foi a de que ele tomava mais forte o argumento mais fraco, pois os sofistas eram conhecidos por fazerem isso. Mas Sócrates rejeitava com veemência essa associação afirmando que, ao contrário dos sofistas, ele não alegava saber alguma coisa, e por isso não ensinava nada. Os jovens vinham ouvir suas discussões simplesmente porque achavam divertido vê-lo interrogar as pessoas à sua maneira peculiar. Já que Sócrates nada ensinava, ele nunca exigia nenhum tipo de pagamento, ao contrário dos sofistas que viviam dos valores que recebiam por suas lições. (STEWART, 2017, p. 32-33).

2.3) O Intelectualismo Socrático

O pensamento socrático levava em conta o conceito de “virtude”, que em grego se diz *areté*, cujo significado é “o ato de melhorar as coisas”, de trazê-las para sua função primordial. Na cultura e tradição grega, a virtude se aplicaria, portanto, não só aos seres humanos, mas também aos animais e aos objetos. Reale e Antiseri (1990, p. 88), apresentam três exemplos para ilustrar o funcionamento da virtude para os gregos: a virtude de um cavalo é a de desenvolver velocidade considerável em seu galope, já a virtude de um cão é a de ser protetor, analogamente, a virtude de nós, seres humanos, seria estar de acordo com o que a alma contém, ou seja, possuir um caráter bom e perfeito. Para Sócrates o conhecimento seria a chave que permitiria ao ser humano ser virtuoso, em contraposição, não possuir conhecimento, ou seja, ignorar e desconhecer, levaria ao afastamento do que a alma indica, levaria a uma desvirtude.

Essa visão socrática trazia uma novidade em relação ao pensamento tradicional grego, visto que esse último prezava por valores externos à alma do ser humano, valores de cunho material, tais como riqueza, poder, fama e outros. Sócrates pretendia colocar em destaque os valores que acreditava estarem relacionados com a alma, e todos esses valores, em sua visão, são oriundos do conhecimento. Deixamos claro aqui que Sócrates não pretendia em sua linha de pensamento destruir o conjunto dos valores tradicionais gregos. Na verdade, o que o pensador pretendia transmitir é que os valores ligados à exterioridade no fundo não têm a conexão necessária para estar em sintonia com a alma. No trecho a seguir temos uma explicação da visão socrática: “Naturalmente, isso não significa que todos os valores tradicionais tornam-se desse modo “desvalores”; significa, simplesmente, que “em si mesmos, não têm valor”. Eles só se tornam ou não valores se forem usados como o “conhecimento” exige, ou seja, em função da alma e de sua “areté”. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 89).

A verdade é que na base do pensamento socrático está a doutrina chamada de “Intellectualismo Socrático” e isso reflete no fato de que o interesse de Sócrates pela definição dos conceitos é prático: para ele o comportamento só pode ter a correta fundamentação embasada no conhecimento. Só é possível ser virtuoso se sabemos no que consiste a virtude. Para Sócrates, o conhecimento é um fato que proporciona a virtude, até porque ninguém faz o mal de forma consciente. Um indivíduo que age pelo mal acredita que está fazendo o bem e ignora no que consiste o bem. A postura de Sócrates é intelectualista na medida em que consegue aliar virtude e conhecimento. Se para conseguir ser um virtuoso é necessário conhecer a virtude, todo o conjunto de virtudes pode ser entendido, na realidade, como uma só, que no caso, é o conhecimento. Ser virtuoso, portanto, equivale a ser feliz, isso para os gregos é o bem que todos os seres humanos buscam. O “Intellectualismo Socrático” consiste, então, num pensamento de que o conhecimento leva à luz, ao bem, e que a ignorância está relacionada com uma ausência, leva ao mal, às trevas. Um ato mau é um ato de ignorância, um ato bom é um ato de luz, o acesso ao conhecimento acaba por inibir o mal. Isso quer dizer que os seres humanos não cometem o mal com intencionalidade, conscientes e convictos do que estão praticando, o que ocorre é que praticam o mal sem saber, devido a ignorarem e a desconhecerem o bem. O trecho a seguir, contido no livro “História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média” dos autores Giovanni Reale e Dario Antiseri define bem o que seria o “Intellectualismo Socrático”:

A tese socrática que apresentamos implicava duas consequências, que foram consideradas muito mais como “paradoxos”, mas que são muito importantes e devem ser oportunamente clarificadas: 1) A virtude (cada uma e todas as virtudes, sabedoria, justiça, fortaleza, temperança) é ciência (conhecimento) e o vício (cada um e todos os vícios) é ignorância. 2) Ninguém peca voluntariamente: quem faz o mal, fá-lo por ignorância do bem. Essas duas proposições resumem tudo o que foi denominado “intelectualismo socrático”, enquanto reduzem o bem moral a um dado de conhecimento, de modo a considerar impossível conhecer o bem e não fazê-lo. O intelectualismo socrático influenciou todo o pensamento dos gregos, a ponto de tomar-se quase um mínimo denominador comum de todos os sistemas, seja na época clássica, seja na época helenística. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 89).

Para Sócrates, os sofistas não possuem de fato o conhecimento, eles acham que sabem, mas eles não sabem por que eles praticam o mal, usam o conhecimento para a promoção pessoal, para trocar o conhecimento por dinheiro, para fortalecer o ego. Outra questão importante é a busca de Sócrates por uma racionalidade, para ele pautar a vida num modelo racional levaria o homem a estar em contato com a sua alma e a ser virtuoso.

2.4) A influência de Sócrates em Kierkegaard e a visão de Hegel

No seu livro “O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates”, o ponto chave é a figura de Sócrates. É importante perceber que Kierkegaard construiu uma imagem da ironia socrática muito distinta do que se apresentava na tradição filosófica de até então, inclusive acaba por romper, especificamente, com o pensamento de Hegel sobre Sócrates. O livro “O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates” foi a primeira obra do dinamarquês que efetivamente se mostrou relevante e se destacou. Na obra ocorre uma comparação entre Sócrates e Jesus Cristo no que se refere à marca que deixaram no mundo, sendo que o segundo, nas sagradas escrituras é tido como o verbo encarnado que habitou entre nós, já na visão kierkegaardiana, Sócrates seria a encarnação da ironia que habitou entre nós (KIERKEGAARD, 1991).

Na primeira metade do século XIX, a visão hegeliana era muito respeitada, dominante e bem quista pelo meio acadêmico europeu. Kierkegaard procura dialogar com o pensamento de Hegel, mas sempre apontando pontos sensíveis e argumentando de forma convincente em relação ao pensamento do filósofo alemão; o dinamarquês parecia não aceitar de forma imediata e automática o pensamento hegeliano, sempre analisava de forma holística e com certo distanciamento da febre e da empolgação hegeliana que tomava conta do meio acadêmico e intelectual de sua época.

Na visão de Hegel, Sócrates foi quem efetivamente rompeu com a tradição anterior, dos filósofos pré-socráticos, os quais tinham como o foco de análise, estudo e resposta para as mais variadas perguntas, o mundo natural. Sócrates foi quem primeiro trabalhou a interioridade e o pensamento introspectivo humano, quem trabalhou de forma definitiva e profunda a subjetividade. Para o alemão, Sócrates era o grande precursor da ética, um revolucionário em seu tempo, isso porque não estava sendo inovador apenas do ponto de vista filosófico e epistemológico, ele estava rompendo e causando impacto em toda a cultura grega, no conjunto total

dessa cultura. Para os gregos, o correto seria viver de acordo com princípios, costumes e práticas tradicionais que seriam a orientação e a vontade dos deuses, esse modo de vida, Hegel denomina de *sittlichkeit*, ou em outras palavras, “ética” ou “vida ética”. A “vida ética”, do ponto de vista hegeliano, envolveria, justamente, toda a cultura grega, o que inclui a religião, as leis, as tradições, os padrões sociais, os costumes, a forma de pensar, se vestir, dentre outros. Um ponto crucial que Hegel levantou foi que esse modo de vida ético grego era tido como verdade absoluta, algo que não levantava questionamento, que não era passível de dúvida e Sócrates foi o primeiro a questionar e a discutir o porquê dessa tradição imperar de forma tão definitiva e tirânica, não chegava a propor um rompimento, nem mesmo a destruição da tradição, mas buscava entender de onde vinha tudo, e isso gerava um enorme estranhamento. A seguir citaremos um trecho importante do livro “Søren Kierkegaard - Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade” do autor Jon Stewart, que ilustra nossa explicação e onde é apresentado um exemplo de situação da ética grega tradicional:

Segundo Hegel, a concepção de vida ética tradicional pode ser vista na tragédia Antígona, de Sófocles. Nessa obra, surge um conflito entre a jovem Antígona e o rei de Tebas, Creonte. O irmão de Antígona, Polinices, foi morto em uma revolta malsucedida contra o Estado. Creonte decreta que os corpos dos rebeldes não deveriam ser sepultados, mas deveriam ser deixados expostos aos animais selvagens e aos elementos. Qualquer um que fosse flagrado tentando sepultar um dos rebeldes seria punido com a morte. Isso era muito sério para a sociedade grega, pois a questão dos ritos funerários era considerada coisa sagrada. Antígona considera o decreto de Creonte arbitrário, a opinião corrupta de um tirano. O decreto não era verdadeiro por si mesmo, mas apenas a opinião pessoal do rei. O fato de ele ser rei e, assim, ser acobertado pela sanção da lei não muda essa situação. Para Antígona, há uma lei maior, a prática divinamente sancionada que determina que os membros da família sepultem os seus mortos com as honras fúnebres costumeiras. (STEWART, 2017, p.50).

O ponto central no tocante a situação da tragédia de Antígona percebida por Hegel é que existem “leis eternas dos deuses” e isso não é questionado, é uma verdade absoluta. Na visão de Antígona, os tradicionais ritos fúnebres são um paradigma absoluto dentro da tradição grega. É a visão de que a morte e, portanto, os ritos fúnebres pertencem a uma lógica de lei natural, com o caráter verdadeiro, já o decreto do rei Creonte é lei humana, que pode ser arbitrária. Sócrates rompe com essa lógica do pensamento grego, para ele nada deve ser aceito cegamente, nem mesmo costumes e tradições milenares, é necessário sempre ter o olhar crítico para posteriormente conseguir estabelecer algum tipo de conclusão que esteja bem fundamentada. Sócrates acaba por iniciar a *moralität*, ou seja, no pensamento hegeliano, a “moralidade refletida”, que significa um procedimento onde o indivíduo conscientemente reflete criticamente a respeito do que lhe é passado pela sua família, sociedade e meio cultural. Esse momento, para Hegel, é um marco na história do pensamento, um modo de pensar que se firmou.

O fato de Sócrates ter sido revolucionário passa muito pela questão de ele ter sido o primeiro a levantar e debater a ideia de que a verdade está intimamente ligada ao sujeito, o qual é um elemento que constitui a verdade. Isso era muito impressionante aos gregos, chegando a ser insultuoso, pensar que cada indivíduo teria a “capacidade” de julgar, analisar e tirar suas próprias conclusões a respeito de práticas sagradas, tradicionais e já consagradas por séculos. Na visão socrática existem verdades universais, que são válidas para toda a humanidade e para todas as culturas, em qualquer tempo e qualquer espaço. Para que seja possível encontrar tais verdades é fundamental realizar a reflexão profunda a respeito delas. A percepção de Sócrates de que a verdade é algo que pode ser alcançado pelo indivíduo que realiza uma reflexão é algo muito marcante em seu pensamento. O ponto de vista apresentado por Sócrates, que vai de encontro à cultura grega, anuncia início não apenas de uma moralidade, mas também o nascimento de uma consciência subjetiva. Esse impacto do pensamento socrático foi um dos motivos que levou o pensador grego a ser condenado à morte.

2.5) A crítica de Kierkegaard sobre a visão hegeliana de Sócrates

Hegel interpreta a aporia e a maiêutica socrática. A maiêutica seria algo fundamental dentro do Método Socrático, algo que permite que ocorra a produção de um conhecimento universal a partir de um conhecimento particular, e esse conhecimento particular seria nada mais que um conceito inicial e primitivo de algo, mas que é o ponto de partida para que se possa construir um conhecimento mais completo e aprofundado. Na visão hegeliana, quando Sócrates empregava a arte do parto de ideias, estava sendo didático, empregando um

verdadeiro processo pedagógico, pois acabava por permitir que os seus interlocutores retomassem um conhecimento universal que estava adormecido dentro de suas mentes a partir de conhecimentos particulares, sensoriais e imediatos. Hegel inclusive defende que a maiêutica tem efeito análogo ao que ocorre com o processo de desenvolvimento educacional natural do ser humano, que começa sempre no mundo das percepções, dos sentidos, das imagens, do meio material, ou seja, sempre com conhecimentos de casos particulares, só com o passar dos anos é que o ser humano aprende a abstrair e a generalizar, a ter uma compreensão de um todo, em esferas de análise cada vez mais amplas e gerais.

Hegel também disserta a respeito da aporia presente na atuação de Sócrates; ele mostra que existe um ambiente de desordem e caos devido às contradições que o Método Socrático revelava ao longo do diálogo com seus interlocutores. Esse ambiente conflituoso causado pela aplicação do Método Socrático acaba por criar um desconforto, o interlocutor fica em alguns momentos irritado, em outros desmotivado, inclusive, não raramente acaba indo embora, abandonando a discussão. A aporia, na visão de Hegel, é exatamente a falta de respostas, a falta de conclusões definitivas. Para o autor, é natural dentro do campo da filosofia haver, inicialmente, uma questão chave que deve ser resolvida, algo intrigante e complexo. A aporia socrática era o início da Filosofia, área do pensamento que muitas vezes não consegue delimitar uma resposta, nem chegar a conclusões definitivas, Hegel admite a aporia como algo presente e inevitável no campo da Filosofia.

Para Hegel, além de trabalhar a questão da moralidade a respeito da ética grega, Sócrates foi importantíssimo ao trabalhar a subjetividade do ser humano. Na visão hegeliana, Sócrates não somente se conteve a tratar do subjetivo, ele foi além, trabalhou um pensamento objetivo dentro de seu pensamento abstrato. Essa abstração permitia que algo de objetivo fosse construído e para Hegel era o “bem”. Na visão do pensador alemão toda a obra socrática é marcada por uma estrutura ética em que se destaca o subjetivo, que leva em conta as características do indivíduo pensante em voga, tais como as suas intenções, os seus gostos e critérios pessoais, mas o principal, dentro dessa estrutura é o “bem”, algo sólido, que está estabelecido por si mesmo. É importante deixar claro que, para Hegel, Sócrates era diferente dos sofistas: ele não era um relativista, ele reconhecia a existência de uma verdade absoluta. Essa verdade absoluta representava o “bem”. A seguir temos uma passagem do livro “Søren Kierkegaard - Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade” do autor Jon Stewart que exhibe a interpretação de Hegel sobre o “bem” e Sócrates:

Hegel cita o famoso dito do sofista Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”. Para Hegel, isso quer dizer que cada indivíduo tem sua própria verdade. Isso é uma afirmação de relativismo. Mas essa não é a posição de Sócrates. Na sua perspectiva, o Bem é algo absoluto e universal, ainda que haja um elemento subjetivo envolvido nele. Para Sócrates, ainda existe uma verdade objetiva, mas o fundamental é que ela deve ser alcançada pelo indivíduo por meio da racionalidade e da reflexão crítica. Nas palavras de Hegel, para Sócrates, “o homem tem esse exterior dentro de si”. A verdade objetiva não é para ser simplesmente encontrada na esfera exterior que nos cerca, mas também nas mentes de cada indivíduo. Enquanto os sofistas usam a reflexão crítica para justificar suas próprias afirmações arbitrárias feitas em proveito próprio, Sócrates acredita que esse instrumento pode ser usado para alcançar uma verdade objetiva com a qual todos possam concordar. (STEWART, 2017, p.60).

No raciocínio de Sócrates ocorre a dinâmica que leva o pensamento no sentido da exterioridade para a interioridade, mas sempre sendo embasado pelo referencial de um paradigma de verdade. Hegel afirma que, na visão socrática, o indivíduo tem papel de destaque e ele pode, através da razão e da reflexão, encontrar a verdade. Hegel critica os sofistas, os colocando como relativistas e percebendo que para os mesmos o subjetivo implica em o indivíduo se limitar, inclusive em limitar seus pensamentos. Já Sócrates vê na subjetividade e na interioridade uma expressão do pensamento (campo do conhecimento universal) que pode permitir que ocorra a conexão com uma verdade de cunho objetivo.

O ponto central que trataremos agora é o papel da ironia socrática na visão de Hegel e como a consequência dessa ironia é ponto de discordância entre o pensamento de Hegel e Kierkegaard. Hegel considera que a ironia socrática é um fingimento, uma forma retórica onde Sócrates se faz de ignorante e inocente, realizando perguntas a interlocutores como quem quisesse saber mais sobre algo do qual desconhece, mas que não passava de estratégia para fazer com que esses mesmos interlocutores, aparentemente colocados como sábios, expusessem contradições para Sócrates explorar, e que conceitos se relevassem e pudessem ser desconstruídos. Hegel defende o pensamento de que Sócrates ficou estagnado no negativo gerado como consequência da aplicação de seu método, não se dando conta de que existe algo de positivo dentro dessa

negatividade. Na metafísica hegeliana o negativo não é apenas o nada, algo inútil, imprestável e ruim; para o autor o negativo é a base, o alicerce de ideias para que o positivo seja construído, logo em seguida. Hegel critica Sócrates, afirma que ele “parou no negativo”, não foi além, foi incapaz de construir o positivo sendo que já tinha a base, que era o negativo, representado na aporia e na contradição geradas pela aplicação do Método Socrático.

O mais intrigante é que o negativo é o ponto que mais fascinava Kierkegaard; ele pensava que isso era o resultado (porém não do modo como os românticos pensavam ao infinitizar a ironia e torná-la um fim em si mesma, pois tanto para Sócrates quanto para Kierkegaard a ironia revela-se um instrumento). Para o dinamarquês não foi por acaso que Sócrates não construiu o positivo, ele insistiu no negativo e no contraditório porque percebeu que esse era o resultado genuíno da aplicação de seu método. Kierkegaard criticava Hegel e todos os hegelianos, principalmente, os alunos de Martensen, por nutrirem esse insistente desejo de ir além, de promover “o bem que Sócrates não fez”, isso incomodava Kierkegaard justamente porque em sua mente era uma deturpação do pensamento socrático. Sócrates, na análise kierkegaardiana, jamais quis ir além, ele chegou onde queria com o negativo. Hegel critica Sócrates, o acusa de ter falhado por não ter construído um sistema filosófico que gerasse o positivo. Kierkegaard defende que Sócrates não errou e critica Hegel, argumenta que o que vale no pensamento socrático é a inerente negatividade, e que, ir além de Sócrates para criar um sistema filosófico é algo que subverte toda a sua obra. Kierkegaard e Hegel concordam no ponto em que Sócrates e seu método geravam a contradição, a negatividade, mas Kierkegaard defende que essa é a conclusão definitiva, a visão kierkegaardiana é a de que a ironia é um tipo de negatividade infinita e absoluta. Já Hegel defende que esse é só o primeiro passo, a negatividade gerada pelo Método Socrático deveria ser utilizada no sentido de construir um sistema filosófico denso que chegasse a uma positividade que seria o ponto final.

2.6) A ironia socrática para Kierkegaard

Kierkegaard na obra “O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates” trabalha as diferentes formas de relativismo e de subjetivismo e como esses conceitos eram colocados em sua época, possuíam a função de tecer uma crítica à cultura tradicional. O conceito de relativismo está ligado ao fato de podermos perceber que uma lei, um costume, ou uma tradição não é aceita por todas as culturas e sociedades humanas, é algo relativo: o que pode ser bem visto e aceito numa sociedade, pode ser reprovável numa outra, os valores mudam de sociedade para sociedade. Podemos pensar em algo “meramente relativo”, ou seja, algo que tem por natureza ser pouco apurado, não possuindo caráter absoluto e, portanto, uma aplicação universal. Desde os tempos de Kierkegaard até atualmente, utilizamos a ironia, por exemplo, da seguinte forma: um conhecido ladrão morador de uma comunidade teve a sua casa invadida e todos os bens furtados. O exemplo anterior é irônico, é o caso de uma pessoa má que experimentou do próprio mal que pratica a outros. Outro sentido da ironia atual é o seguinte: um amigo encontra outro num dia muito quente e diz “nossa que dia fresco”, ou seja, usa da ironia para demonstrar que na verdade está muito calor, um calor incômodo. Esse exemplo anterior é o uso da ironia para marcar que na realidade ocorre exatamente o contrário do que se profere.

Para o pensador dinamarquês o fator chave é explorar o lado crítico que a ironia possui, o qual, segundo ele, é onde a ironia encontra maior efeito e impacto. Um exemplo interessante que podemos pensar do que seria a visão de Kierkegaard da melhor aplicação da ironia é o seguinte: imaginemos, de forma ideal e hipotética, que numa pequena cidade do interior do estado de Minas Gerais a Câmara Municipal consegue colocar em prática uma lei que obriga a todos os condutores de veículos, inclusive os de automóveis, que usem capacete ao transitar pelas ruas da cidade. Um morador revoltado produz uma faixa e vai para frente da Câmara Municipal dessa cidade, fica em pé na porta ostentando uma faixa e protestando. Na faixa está escrito “Parabéns senhores vereadores pela lei útil, perfeita e adequada que criaram”. No exemplo anterior temos o caso de uma ironia crítica kierkegaardiana onde o morador está revoltado pelo absurdo de ter de adquirir um capacete de motocicleta para trafegar em seu veículo, visto que o automóvel já possui uma estrutura que protege o condutor, possui *airbags*, *abs*, cintos de segurança e outros mecanismos de segurança os quais dispensam o uso de um capacete. Nesse exemplo, o uso da ironia crítica chama a atenção, causa impacto e pode ser transformador: a atitude do indivíduo que protesta em frente à Câmara Municipal pode ter como consequência que mais pessoas adiram ao protesto, que a mídia faça uma cobertura de tal fato e que os vereadores se sintam pressionados a utilizar mecanismos legislativos para revogar a lei ou então, caso não seja possível que sensibilize o Ministério Público ou o Poder Judiciário a tomar providências.

Através da ironia crítica, Kierkegaard tem em suas mãos a ferramenta perfeita para que consiga criticar práticas, costumes e a hipocrisia de seu tempo. Na obra “O conceito de ironia: constantemente referido a

Sócrates” o autor usa a visão socrática de ironia e a compara com a ironia moderna de seu tempo, que naquele período era encarnada pelo movimento romântico alemão. Tanto em Sócrates quanto nos românticos alemães a ironia é utilizada para criticar costumes, práticas e tradições. Kierkegaard se coloca como um crítico dos autores românticos e Sócrates é a sua referência. Para ele, a ironia moderna de seu tempo, representada pelos românticos alemães era superficial e pretendia apenas atacar as crenças já estabelecidas. Devia haver um uso mais particular da ironia, não apenas o uso dela contra toda a realidade existente. Os românticos alemães, na visão de Kierkegaard eram análogos aos sofistas da Atenas de Sócrates, eles consideravam o conjunto da realidade como algo apenas relativo, colocando tudo como um todo de costumes falidos, manipulando a realidade ao seu favor, visão de mundo e interesses.

Como já mencionamos, a ironia dentro do método socrático passava pelo jogo de Sócrates, de seu fingimento, ele disfarçava, se fazia de desentendido, fingindo ser ignorante sobre os temas. Esse jogo social e psicológico socrático encantava Kierkegaard, que via nas ruas de Copenhague muitos “*Eutifrons*”, pessoas que pensavam ser possuidoras de elevado nível de conhecimento a respeito de determinado tema, estando convencidas de seu conhecimento, mas que seriam facilmente desconstruídas se submetidas ao Método Socrático. Kierkegaard fica motivado a estudar detalhadamente tal método para que pudesse ser capaz de aplicá-lo de forma eficaz e causar impacto na vida de seus interlocutores.

A ironia, do ponto de vista de Kierkegaard, devia ser desenvolvida e aplicada tanto como um recurso estilístico em seus textos, como também dentro de um estilo de vida que priorizava um constante diálogo entre a realidade (a vida prática) e as suas reflexões filosóficas e existenciais. A aplicação da ironia permitiria que não houvesse a acomodação, a noção de que não é possível saber de tudo, um verdadeiro exercício de humildade. Kierkegaard agia como Sócrates, se fazia de desentendido e fingia desconhecer determinado assunto, isso tudo para conseguir levar o interlocutor a uma reflexão mais profunda, ele chega inclusive a negar ser cristão, justamente para que pudesse criticar o tipo de cristianismo praticado na Dinamarca de seu tempo, o qual ele discordava. Para Kierkegaard a preocupação central era a de tornar-se cristão através da interioridade, voltando-se para dentro de si e não se colocar como cristão a partir de uma externalidade, por causa da família, da comunidade ou da imposição social. Mas Kierkegaard tinha a consciência de que a postura que tomou dentro de seu contexto social incomodava e muito, da mesma forma que aconteceu com Sócrates. Em muitos momentos Kierkegaard foi ridicularizado e colocado em descrédito pela sociedade dinamarquesa, mas ele procurava lidar com isso da melhor forma possível e cumprir seu papel.

O pensamento de Kierkegaard difere de Sócrates no ponto em que, o segundo acredita que divino e humano se mesclam, já para o primeiro os seres humanos são seres espirituais presos a um corpo material que está inserido num mundo sensível, portanto ocorre uma delimitação clara. Na visão socrática a natureza humana está nas ideias, contidas dentro do espírito humano, Kierkegaard é mais pessimista, ele é influenciado pela noção cristã de pecado, um símbolo da imperfeição presente na condição humana. Para o dinamarquês, dentro do ser humano existe o espírito de Deus, a interioridade. A ironia é uma forma de despertar o indivíduo para que não fique estagnado e consiga avançar nos “três estádios da existência humana”. Kierkegaard acredita na ironia socrática utilizada ao extremo, nas formas mais dinâmicas e diferentes possíveis, esse uso passa pelo trabalho do indivíduo com sua interioridade. Ela é o fato chave que permitirá que ocorra uma evolução do ser humano. A ironia é ambígua e subjetiva e pode ser utilizada de formas muito distintas, para Kierkegaard ela deve ser sempre bem utilizada, afastando o relativismo, o niilismo, a desconstrução generalizada e gratuita, mas sim contextualizada e bem empregada.

Neste último parágrafo referente à ironia socrática para Kierkegaard, esclareceremos um ponto importante: o pensamento de Kierkegaard se difere do pensamento de Platão e de Sócrates. A teoria do conhecimento e a antropologia de Kierkegaard e do cristianismo é distinta da teoria do conhecimento e da antropologia socrático-platônica. Esse aspecto é desenvolvido por Kierkegaard principalmente no livro *Migalhas Filosóficas* do ano de 1844. Nesse livro o autor também recorre a Sócrates, porém, nesse caso, como representante do pensamento platônico. Através do pseudônimo Johannes Climacus, Kierkegaard desenvolve o tema da encarnação e revelação de Jesus Cristo, além de trabalhar o conhecimento, o existencialismo e a teologia cristã. O livro *Migalhas Filosóficas* não foi usado como referencial teórico para este trabalho de conclusão de curso; além disso, a divergência entre o pensamento kierkegaardiano e socrático-platônico não é o foco deste trabalho. Optamos por nos restringir a abordar o entendimento de Kierkegaard sobre o Sócrates de Aristóteles e os pontos mais relevantes referentes a essa questão.

2.7) O entendimento de Kierkegaard sobre o Sócrates de Aristófanes

A imagem que não somente Kierkegaard, mas que todo o mundo ocidental tem de Sócrates é um reflexo das obras de Platão, Xenofonte e Aristófanes, sendo que o primeiro foi quem mais escreveu sobre Sócrates. Existe um verdadeiro abismo no que se refere ao retratado sobre Sócrates entre essas três fontes, o Sócrates de Platão é muito diferente do de Aristófanes que é diferente do de Xenofonte. Platão foi quem mais escreveu sobre Sócrates e é importante frisar que Kierkegaard tem consciência da admiração e idealização platônica em relação ao pensador grego. Xenofonte, assim como Platão, também admira e defende Sócrates, o descreve, essencialmente como um mestre, que possui um caráter familiar e que é querido pelos amigos. Alguém que era tão sábio, justo, inteligente, um homem muito diferenciado e que os atenienses condenaram pelo fato de não terem conseguido entender suas intenções e a sua obra intelectual e filosófica. Já Aristófanes retrata um Sócrates folgado, trapaceiro, acomodado e que vive num mundo a parte, é um verdadeiro bravateador, alguém que usa da inteligência e da retórica para proveito próprio, incentivando seus alunos a estudos e reflexões que não trazem nada de produtivo, sólido e bom. Diante desse quadro, surgem as seguintes perguntas: quem realmente foi Sócrates? Qual das três descrições conhecidas seria a verdadeira? Será que todas elas seriam falsas, ou ilusórias? São perguntas muito difíceis de responder.

No livro, obra prima de Kierkegaard, denominado “O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates” o autor dinamarquês se debruça a tentar entender quem era Sócrates, o impacto de sua obra e o papel da ironia no Método Socrático. No livro existe um capítulo destinado especialmente para tratar de como Sócrates é retratado na peça “As Nuvens” de Aristófanes. Nesse capítulo Kierkegaard faz uma detalhada descrição da peça, argumenta cada ponto, trabalha as diferentes possibilidades de interpretação e de qual poderia ser a intenção do comediógrafo grego e o porquê de ele estruturar a peça daquela forma. Defende que Aristófanes teve como objetivo também realizar um contraste ao Sócrates de Platão. Kierkegaard procura sempre dialogar o trágico de Platão com o cômico de Aristófanes. Reconhece que Aristófanes procurou criar uma caricatura de Sócrates, o descrevendo de uma maneira tão exagerada que ressalta o aspecto cômico da peça. A tese que Kierkegaard defende é que Aristófanes, na verdade, escreveu a peça de comum acordo com Sócrates e que nada mais estava fazendo do que utilizando com maestria a ironia socrática. A argumentação de Kierkegaard sobre esse ponto pode ser vista no seguinte trecho do livro “O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates”:

Conceber apenas a realidade empírica de Sócrates, apresentá-lo na cena tal qual ele era na vida, teria estado abaixo da dignidade de Aristófanes e teria transformado sua comédia num poema satírico; por outro lado, idealizado numa tal medida que ele afinal se tornasse irreconhecível, teria ficado completamente fora do interesse da comédia grega. Que esta segunda hipótese não ocorreu, a própria Antiguidade nos testemunha, pois ela relata que apresentação das *Nuvens* foi honrada com a presença do crítico que neste assunto era o mais rigoroso, o próprio Sócrates, o qual, para diversão do público, levantou-se durante a representação, a fim de que a multidão reunida no teatro pudesse convencer-se da semelhança devida. (KIERKEGAARD, 1991, Pag. 109).

Portanto, o que se percebe é que Kierkegaard aposta que a ideia de Aristófanes de retratar Sócrates justamente como o oposto do que ele era na realidade se configurava na estratégia perfeita para arrancar risos da platéia e ao mesmo tempo conseguir criticar e atingir os sofistas, adversários de Sócrates, com os quais Aristófanes também possuía profundas divergências. O que se apresenta em “As nuvens” é uma abordagem essencialmente negativa, o retrato de um Sócrates desprezível. Kierkegaard procura colocar o negativo (ironia) como uma comparação do que seria o ideal e o empírico (real). Essa ambiguidade gerada pela ironia é para Kierkegaard um retrato da vida real, da subjetividade inerente à existência humana e de como a vida sob todas as formas e olhares é ambígua e que em muitos casos tudo que resta é a ironia, a negatividade. Como já mencionamos, na visão kierkegaardiana, Aristófanes pretendia criticar os sofistas, sua atuação e deturpações que produziam na cultura. Kierkegaard comenta também sobre a necessidade de Aristófanes em criticar as modificações que estavam havendo na Atenas de seu tempo, modificações referentes, principalmente ao ensino e às tradições da antiga cultura grega. Para tal crítica acaba por utilizar a ironia, algo poderoso e versátil. Sobre esse ponto, podemos ver a argumentação de Kierkegaard no seguinte trecho do livro “O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates”:

Entretanto, caso se queira admitir que a *ironia* era o que constituía a vida de Sócrates, decerto se há de conceber que esta oferecia um aspecto muito mais cômico do que no caso de se pretender que o princípio socrático era o da subjetividade, da interioridade, com toda a riqueza de pensamentos que aí se encontra, e de se procurar a autorização de Aristófanes na seriedade com que ele, como adepto da antiga cultura grega, precisava esforçar-se por aniquilar esta desordem moderna. Pois esta seriedade é pesada demais, assim como também limita a infinitude cômica que, como tal, não conhece nenhum limite. Ao contrário, a ironia é um ponto de vista novo, e, enquanto tal, absolutamente polêmico frente à antiga cultura grega, e ao mesmo tempo é um ponto de vista que constantemente se suprime a si mesmo, ela é um nada que devora tudo, e um algo que jamais se pode agarrar, que ao mesmo tempo é e não é; mas isto é uma coisa cômica em seu mais profundo fundamento. Assim como a ironia derrota portanto tudo, ao ver em cada coisa a sua discrepância para com a idéia, assim também ela se situa abaixo de si mesma, à medida que se supera a si mesma e contudo permanece nela. (KIERKEGAARD, 1991, Pag. 110-111).

Na visão do autor dinamarquês não se deve buscar em nenhuma das três versões de Sócrates uma que seja a verdadeira; talvez nenhuma delas seja capaz de efetivamente corresponder à verdade. Para Kierkegaard, Sócrates pode e deve ser entendido nas entrelinhas, nas lacunas deixadas pelas três descrições sobre ele; só assim pode-se chegar a alguma conclusão com fundo de verdade de quem realmente foi Sócrates, tal como no exemplo do túmulo de Napoleão, no qual uma imagem do morto surge indiretamente quando se observa o contorno das copas das árvores ali desenhadas.

Aristófanes, no pensamento kierkegaardiano, não era um inimigo de Sócrates, nem o odiava, como muitos de sua época pensavam e acabavam por defender, aqueles que liam a comédia “As Nuvens” de forma pouco profunda, imediata e direta. Para Kierkegaard, Aristófanes foi dos contemporâneos de Sócrates quem o melhor entendeu, conseguindo ser capaz de escrever uma obra tão bem feita e usar a ironia de tal forma, que causa tanta dúvida e discussão sobre suas intenções. Aristófanes cumpriu a tarefa socrática, soube trabalhar a negatividade como nenhum outro discípulo de Sócrates, foi capaz de realizar a tarefa, enganou a muitos a respeito de suas intenções com a peça, surpreendeu a outros e encantou ao pai da maiêutica, que como já foi comentado, estava presente na estréia da peça.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o trabalho apresentando o Método Socrático, sua aplicação e as suas peculiaridades. Dedicamos especial atenção para a maiêutica presente no método do pensador grego, abordamos também a pretensão de Sócrates com o emprego de tal método, além de mencionarmos a aporia, a qual, em muitos casos era o ponto onde se chegava ao final do diálogo com seus interlocutores. Levantamos o tema do chamado “Intelectualismo Socrático”, um modo de pensar que era a base do pensamento socrático, onde a ideia central é a de que o conhecimento é uma manifestação do “bem”. Procuramos descrever a peça “As Nuvens” de Aristófanes, a abordagem intrigante que fez de Sócrates. Abordamos também o debate que existe a respeito da peça, de que na visão de muitos estudiosos, até mesmo nos dias de hoje, retrataria uma visão real e definitiva de Aristófanes, exatamente o oposto da interpretação de Kierkegaard, ou seja, essa corrente de pensamento crê que Aristófanes tinha em Sócrates um desafeto, via nele um sofista e queria desconstruí-lo e ridicularizá-lo ao longo da peça. Essa questão da relação de Sócrates com Aristófanes é complexa e fica como sugestão para outros trabalhos, seja defendendo a visão de Kierkegaard, seja defendendo a visão tradicional de pensadores da filosofia de que Aristófanes queria atacar Sócrates.

Examinamos o pensamento de Kierkegaard sobre os objetivos de Aristófanes na peça “As Nuvens”. Procuramos elucidar a bem embasada argumentação de Kierkegaard de que, na verdade, Aristófanes era alguém que admirava Sócrates e quem melhor compreendeu o seu método e o emprego da ironia socrática. A peça nada mais seria que uma vitrine do uso da ironia, que não por acaso gera ambiguidade, confunde e causa polêmica para quem tenta realizar a sua interpretação. Tratamos também da filosofia de Hegel, e como seu pensamento foi trabalhado e também criticado por Kierkegaard, frisamos aqui que Kierkegaard não combate a obra hegeliana como um todo e que suas discordâncias com Hegel são pontuais, apesar de muito significativas, tais como a questão da negatividade, a qual Kierkegaard vê como um ponto de chegada no qual a ironia teria se revelado um instrumento, e que para Hegel era o pilar inicial que daria origem a um sistema filosófico que geraria o “bem”. Por último, abordamos a ironia socrática do ponto de vista de Kierkegaard, frisamos o fato de que, para

o dinamarquês, a ironia é um elemento que move a humanidade, é transformador, deve ser bem utilizado, principalmente a ironia crítica, ela é responsável por causar um nível de desconforto que impede a alienação e a acomodação intelectual.

Kierkegaard era um homem, que não diferente de Sócrates, estava muito à frente de seu tempo. Ele parecia compreender a modernidade presenciada em sua vivência de uma forma muito singular e a crise existencial que esse avanço sócio-cultural da primeira metade do século XIX gerava nos seres humanos. As ideias kierkegaardianas pareciam ser um retrato da modernidade em que ele estava inserido e não parecem antigas e inadequadas nem para o mundo contemporâneo do século XXI. Esse homem de rara estirpe intelectual fez reflexões tão profundas e abrangentes que até hoje desperta a polêmica, inclusive sobre em que área do conhecimento teria atuado: seria ele um filósofo? Um teólogo? Um escritor talentoso? Um poeta? Um psicólogo? Todas essas perguntas são muito difíceis de responder de uma forma taxativa e definitiva, provavelmente ele foi tudo isso. A obra do pensador dinamarquês influenciou muitas áreas e tratou de muitos temas, inclusive possuindo a rara capacidade de atrair pessoas de formações políticas, religiosas e filosóficas muito distintas.

Sócrates teve um final de vida conturbado, os atenienses, em sua grande maioria não compreenderam seus objetivos e sua obra e os que compreenderam o viam também como ameaça, ele foi preso, julgado e condenado à morte. Aceitou a prisão e a condenação, mesmo diante de oportunidades de fuga e de anulação das acusações, caso abrisse mão integralmente de suas ideias. Acreditava que a condenação era o seu destino, era o que os deuses queriam para ele. Não subverteu seus princípios, preferindo permanecer fiel a eles, não pediu desculpas e nem voltou atrás, apenas mostrou mais uma vez, ao longo de seu julgamento, como pensava e via a sociedade ateniense. Sua postura, coragem e extrema honestidade intelectual ecoaram ao longo dos séculos e são um exemplo marcante de um indivíduo que preferiu a morte, encarando-a de frente a abandonar ou mesmo ir de encontro a seus princípios para escapar de um julgamento e uma pena de morte.

O dinamarquês viveu num contexto histórico muito diferente de Sócrates, contexto que permitia uma maior liberdade de expressão e de opiniões. Mesmo diante do impacto de suas obras, Kierkegaard não recebeu condenações, muito menos pena de morte, mas teve um final de vida solitário, devido a seus embates com a Igreja dinamarquesa. Ele adotou uma postura cada vez de maior isolamento, tecendo críticas ácidas, um estilo agressivo, o que parece também ter prejudicado a sua saúde, que nunca foi boa, mas que piorou com o alto nível de estresse e de trabalho. No ano de 1855 ele foi hospitalizado, a sua saúde estava frágil. O quadro de saúde foi se agravando, Kierkegaard se recusou a receber apoio religioso nesse período, suas convicções pareciam não permitir tal aproximação, receber a Sagrada Comunhão, ou mesmo dialogar com membros da Igreja dinamarquesa seria ir de encontro a tudo que combateu e a tudo que não concordava ao longo de toda a sua vida. Acabou por falecer após pouco mais de um mês após a sua hospitalização.

Nas considerações finais desse trabalho a conclusão mais importante que queremos transmitir é a de que a ironia é a base da filosofia kierkegaardiana e o pensador dinamarquês, ao lado de Platão, Xenofonte e Aristófanes foi um grande discípulo de Sócrates que, curiosamente, nasceu 2200 anos após a morte de seu mentor intelectual. Antes de ser a mais brilhante mente da Copenhague de seu tempo e ter sua obra discutida e reverenciada até os dias de hoje, Kierkegaard era antes de tudo um eterno curioso, questionador, um provocador nato que podia ver finas nuances com sua perspicácia intelectual, era um amante do conhecimento e da vida interior, era Søren Aabye Kierkegaard, o moscardo de Copenhague.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. As nuvens. Tradução de Gilda Maria Reale Starzynski. In: PESSANHA, José A. Motta (Ed.). **Sócrates**. 4. ed. São Paulo: Nova cultura, 1987. p. 185-249. (Coleção Os pensadores).

HOWLAND, Jacob. Um Sócrates rejuvenescido: a autoria platônica de Kierkegaard. In: VALLS, Alvaro Luiz Montenegro (Org.). Kierkegaard Compêndio. Vol 1. São Paulo: LiberArs, 2015, p. 9-22.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

STEWART, Jon. **Søren Kierkegaard**: subjetividade, ironia e a crise da modernidade. Tradução de Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.